

Museu
Arte
Arquitetura
Tecnologia

maoat

**William Klein
O Mundo Inteiro
É um Palco**

William Klein (1926–2022) teve uma vida criativa notável, abrangente e singular. Entre a fotografia de rua, a fotografia de moda, a realização de filmes, a pintura e o design gráfico, Klein produziu uma obra verdadeiramente inovadora que mudou profundamente a cultura visual. Nascido em Nova Iorque, estabeleceu-se em Paris em 1948, mas gozou uma vida internacional, trabalhando nos EUA, Europa, Ásia e África. Fosse nas páginas da *Vogue*, nos seus icónicos livros de fotografia, no ecrã de cinema ou nas paredes dos museus, a sua enorme sede de viver, a curiosidade pelas pessoas e o sentido de humor e diversão informaram tudo o que produziu.

Klein foi um dos poucos fazedores de imagens com um estilo visual único, definido por composições complexas cheias de energia e exuberância no modo como eram apresentadas. Estas características devem-se ao início da carreira como pintor interessado na escala dos murais, na arquitetura e no cinema, mas também à alegria com que se envolvia na vida dos outros. Klein não se resguardava na distância segura do observador. Comunicava, colaborava com as modelos, e convidava estranhos que encontrava na rua a posarem e representarem para a sua máquina.

O Mundo Inteiro É um Palco, é uma visão de conjunto da vasta obra de William Klein. Em vez de apresentar uma cronologia, esta exposição mostra como as suas definições de performance e teatralidade deram forma a tudo o que produziu. Vemos como as suas fotografias e filmes surgiram de uma atitude espontânea e improvisada para com a vida. Vemos como quebrou as regras e convenções da arte, da fotografia e do filme documental. Vemos como o seu amor pela abstração se foi infiltrando no seu trabalho figurativo.

Klein era um artista com uma independência feroz que, apesar de trabalhar no centro do mundo comercial, nunca deixou de se dedicar aos projetos artísticos que o apaixonavam. Fez tudo à sua maneira, sempre com uma grande intuição para o estilo e para a vitalidade, e também para a maneira imprevista em como a vida se desenrola.

Fotógrafo, pintor, cineasta e artista gráfico, William Klein (Nova Iorque, 1926 – Paris, 2022) é um dos artistas mais influentes do século XX. Artista multidisciplinar, revolucionou certos géneros como a fotografia de moda e de rua. Durante a Segunda Guerra Mundial, depois de se alistar no exército americano, esteve estacionado na Alemanha e, mais tarde, em França, onde se estabeleceu definitivamente depois de ser desmobilizado. Em 1948, Klein matriculou-se na Sorbonne e, mais tarde, estudou com Fernand Léger. Em 1957, foi-lhe atribuído o Prémio Nadar. Os seus trabalhos sobre as grandes capitais mundiais (Nova Iorque, 1956; Roma, 1959; Moscovo, 1964; Tóquio, 1964; Paris, 2002) contribuíram para fazer dele um dos fotógrafos mais ilustres da sua geração. Em meados

dos anos sessenta, dedica-se ao cinema. Seguiram-se cerca de vinte documentários, longas-metragens e ficções. O filme *Who Are You, Polly Maggoo?* (1966) recebeu o Prémio Jean Vigo em 1967. Em 2005, o Centre Pompidou, em Paris, dedicou uma grande retrospectiva à sua obra, seguida pela Tate Modern, em Londres, em 2012. Ao longo dos anos, foram apresentadas várias exposições sobre diferentes aspectos da obra de Klein em locais como Amesterdão, Barcelona, Berlim, Bruxelas, Chengdu, Madrid, Milão, Rouen ou Seul, entre outros. Em 2022, uma exposição retrospectiva da sua obra, *William Klein: YES: Photographs, Paintings, Films, 1948–2013*, com curadoria de David Company, foi apresentada no International Center of Photography, em Nova Iorque.

Olhar para Trás

Em 1954–1955, nas ruas de Nova Iorque, e mais tarde nas de Roma, Moscovo, Tóquio, Paris, e outras cidades, William Klein nunca fez por ser discreto. Trocavam-se olhares, e existiam muitas conversas. De uma breve e bem-disposta troca de olhares, podia surgir uma fotografia.

Na *Vogue*, Klein tinha uma ligação forte e espontânea com as várias modelos com quem trabalhava, convidando-as muitas vezes a participar no jogo lúdico de fazer as fotografias.

É-nos impossível saber a natureza exata do que se passa entre um fotógrafo e quem está à frente da sua máquina. A imagem dá-nos pistas, mas nunca nos diz tudo. Uma fotografia é como um poema – fragmentária, sugestiva e aberta à interpretação do público. No entanto, podemos dizer que os olhares devolvidos a Klein são sinais de um mundo social rico, complexo e efémero, e de uma profunda curiosidade mútua.

Gestos Materiais

As primeiras obras que William Klein fez em finais da década de 1940 e inícios de 1950, eram pinturas figurativas com composições gráficas que antecipavam a sua fotografia de rua. Depois, dedicou-se à abstração. Em 1952, na cidade de Milão, uma exposição de Klein chamou a atenção de um arquiteto que pediu ao artista que adaptasse as suas pinturas à divisória do quarto de um apartamento que seria feita de painéis rotativos. Enquanto Klein fotografava os painéis, a sua mulher Jeanne rodou-os, dando origem a manchas nas fotografias de longa exposição. Fascinado com o efeito,

William Klein fechou-se na sua câmara escura e produziu centenas de fotogramas abstratos. Daí resultariam encomendas para fazer capas para a revista *Domus* e para álbuns de música. Na fotografia de rua e de moda, Klein experimentou diferentes exposições, manchas, movimentos da máquina e ampliações com muito grão de pequenas secções dos seus negativos. Não havia regras. A sua produção de imagens era física. Tudo era possível.

Tóquio

Em 1961, William Klein foi convidado a visitar Tóquio. Dias depois de chegar, já andava a explorar a cidade sozinho. A língua japonesa não foi obstáculo: forçou-o a comunicar através da boa-disposição, da predisposição para a diversão e da aceitação dos absurdos da comunicação. Deparou-se com aulas de caligrafia, cerimónias do chá, casas de gueixas, políticos, armazéns comerciais, uma escola de cabeleireiros, manifestações públicas, e muito mais.

Nos últimos dois dias na cidade, ele fez mais de seiscentas imagens notáveis que retratam a dança moderna que encontrou na rua. Tatsumi Hijikata, Yoshito Ohno e Kazuo Ohno fazem poses que misturam coreografias tradicionais japonesas com aspetos da dança de vanguarda ocidental retirados de imagens de Martha Graham e Jerome Robbins. As suas fotografias de Tóquio deram origem a um livro em 1964, ano em que a cidade acolheu os Jogos Olímpicos.

Filmes

Durante quarenta anos, William Klein foi um cineasta inconformista, conhecido tanto pelos

seus trinta documentários inovadores como pelas suas três longas-metragens (na exposição apresenta-se uma pequena amostra de excertos). Uma vez que não acreditava na verdade ou neutralidade das obras documentais, os seus filmes caracterizam-se por um amor à performance e à colaboração. O seu filme-retrato sobre Cassius Clay (Muhammad Ali), de 1964, é um relato eletrizante da personalidade do pugilista e do espetáculo do desporto. Foi exibido por todo o continente africano, o que levou ao convite para que Klein fizesse *Festival panafricain d'Alger 1969*, uma celebração histórica da cultura negra e da política de independência. A este filme seguiu-se logo um outro documentário sobre Eldridge Cleaver, ministro da Informação do Partido dos Panteras Negras, e ainda outro sobre o músico pioneiro Little Richard.

O primeiro filme de ficção de Klein, *Who Are You, Polly Maggoo?* (1966), é uma sátira à indústria da moda, um mundo que conhecia tão bem. *Mister Freedom* (1968) é a resposta incrivelmente inventiva e visualmente excessiva de Klein à guerra dos EUA no Vietname, e à ligação cada vez mais próxima entre o poder corporativo, o consumismo, a política e a propaganda. *Le couple témoin* (1977) profetizou o disfuncional mundo de *reality show* em que vivemos. Todos os filmes de Klein são estudos sobre a natureza humana e as situações culturais e políticas muitas vezes extremas a que ela conduz.

Pare-se um filme de William Klein em qualquer momento, afirmou o realizador Chris Marker, e ver-se-á "uma fotografia de Klein com a mesma desordem aparente, o mesmo excesso de informação, de gestos e de olhares que apontam em todas as direções, mas que, ainda assim, são simultaneamente regidos por uma perspectiva organizada e rigorosa".

Juntos

Entre os seus trabalhos mais apreciados e originais estão as fotografias de grupo que William Klein fez no estúdio e na rua. Nada lhe agradava mais do que os laços complexos que uniam as pessoas e a energia imprevisível que muitas vezes se manifestava quando estavam diante dele e da sua máquina. Fosse uma sessão fotográfica de moda, fãs num evento desportivo, ou um grupo de amigos a uma esquina da cidade, o que interessava a Klein era a dinâmica social.

William Klein fotografava sobretudo com uma lente grande angular, e o preencher o enquadramento com rostos e gestos obrigava a estar muito perto, muitas vezes a menos de um metro de distância do seu sujeito. Alegre, espontâneo e por vezes um pouco tenso, o mundo enquadrado por Klein transmite a ideia de uma peça de teatro improvisada da qual transborda uma energia vital reforçada pela presença dele. As suas composições incrivelmente organizadas estão cheias de vetores tensos e microgestos que puxam o olhar do público em muitas direções. Em cada caso, Klein foi parte integrante da situação, embora sempre hipervigilante em relação ao potencial do contexto enquanto imagem. Alguém que, ao mesmo tempo, esteve dentro e fora.

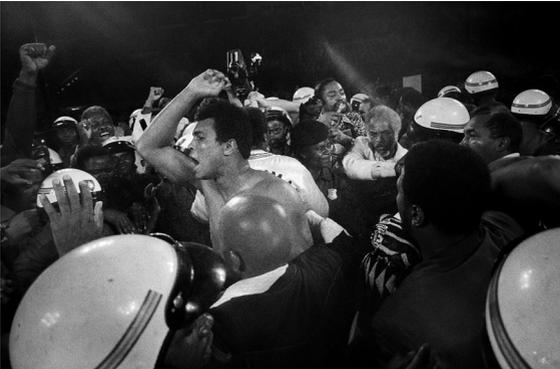
1



2



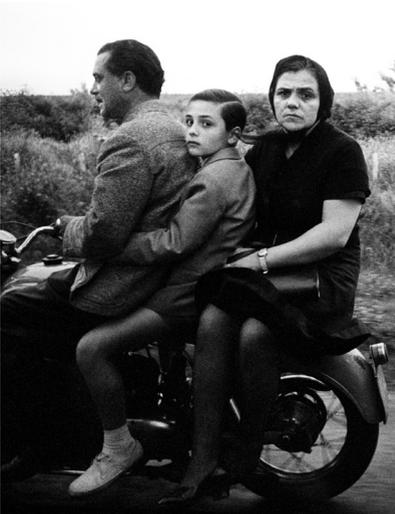
3



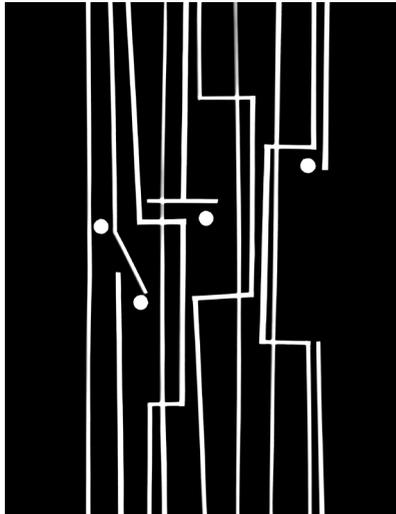
4



5



6



1 Evelyn + Isabella + Nena,
Mirrors on Roof, New York
(Vogue, 1959)

2 Cartaz do filme
*Qui êtes-vous Polly
Maggoo?*, 1966

3 Ali's Victory in Kinshasa,
Zaire, 1974

4 Inside Gum Department
Store, Moscow, 1956.

5 Sunday Outing,
The Holy Family on Vespa,
Rome, 1956

6 Sem título, c. 1952

William Klein
O Mundo Inteiro É um Palco
18/09/2024-03/02/2025

Curador
David Company

Produção
Ana Fryxell

Comunicação e relação com os media
Elisabete Sá, Leonor Carrilho,
Mariana Madeira (estagiária)

Marca
Matilde Raposo, Mariana Líbano
Monteiro, Francisca Pereira

Serviço visitante e educativo
Raquel Eleutério, Joana Simões
Henriques, Vera Barreto, Nelson
Rodrigues, Ana Cachado, Inês Sampaio,
Tiago Seródio

Coordenação editorial
Nuno Ferreira de Carvalho

Design gráfico
Claudia Lancaster

Textos
David Company

Tradução e revisão
Susana Pomba, Manuel Alberto Vieira

Mecenas MAAT



MAAT - Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia
Av. Brasília, Belém
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130
+351 210 028 102
maat@edp.pt

Studio William Klein
Investigação, edição, supervisão,
comunicação e aconselhamento jurídico
Pierre-Louis Denis, Tiffanie Pascal,
Chrystel More, Nathalie Martel, Bruno
Ryterband

Através do projeto de exposição e da publicação que o acompanha, Pierre Klein gostaria de prestar homenagem a William e Jeanne Klein e agradecer a David Company, bem como a Sérgio Mah e a toda a equipa do MAAT, por terem tornado possível mostrar a obra de William Klein neste local excepcional e também no livro notável.

Agenda

Em articulação com a exposição, a Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema organiza, em parceria com o MAAT, um ciclo dedicado à obra cinematográfica de William Klein, a decorrer em janeiro de 2025.

Publicações

O livro **William Klein - O Mundo Inteiro É um Palco** está disponível na loja do museu.

Mais informações
e outros conteúdos
maat.pt
ext.maat.pt


@maatmuseum
#maatmuseum



guia de visita



18/09/2024 → 03/02/2025

